





Educação Popular e Economia Solidária

Porto Alegre Julho 2017







Expediente

Realização: CAMP – Centro de Assessoria Multiprofissional (http://camp.org.br/)

Conselho Diretivo do CAMP: Márcia Falcão, Carlos Roberto Winckler, João Maurício Farias e Roseli Dias.

Equipe Executiva do CFES Sul/CAMP: Daniela Tolfo, Gabriela Salvarey, Elisiane Jahn e William Leffeu.

Diagramação: Beto Fagundes

Apoio:

Christian Aid

Financiamento:

SENAES através do Convênio nº 775707/2012 – SENAES/MTB – CAMP e Conselho Britânico/Newton Found, através do Projeto Plataforma de Educação em Economia Solidária – Fazer Solidário (http://www.fazersolidario.org. br/).

















SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO POPULAR	13
SELVINO HECK	
2. PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO POPULAR	29
ROSELI PEREIRA DIAS	
3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	41
HELENA BINS ELY	







APRESENTAÇÃO

É com satisfação que apresentamos esta publicação ao público em geral e em especial às pessoas que apostam numa nova economia possível baseada na solidariedade. Através dela, apresentamos algumas reflexões sobre educação popular que balizaram as atividades formativas e de apoio à assessoria técnica em economia solidária do CFES Sul – Centro de Formação e de Apoio e Assessoria Técnica da Região Sul.

O caderno foi organizado pela equipe do CFES Sul em parceria com a plataforma Fazer Solidário – Educação em Economia Solidária¹. O CFES foi formatado a partir dos princípios da educação popular e reuniu saberes acumulados nos processos formativos dos fóruns, empreendimentos, agentes públicos e entidades de apoio da economia solidária – EcoSol. Está articulado com o movimento de EcoSol e inserido na estratégia da SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária de fortalecimento da EcoSol, através de ações específicas e da articulação com as políticas de desenvolvimento territorial solidário sustentável e de superação da pobreza. A Plataforma foi desenvolvida entre março de 2016 e março de 2017 pelo CAMP e seus parceiros, com financiamento do Conselho Britânico/Newton Foundation², e com apoio da Christian Aid³ e da SENAES/MTB⁴ e oferece uma série de ferramentas de apoio aos coletivos de economia popular e solidária, dentre os quais destaca-se o Curso Todas as Formas Solidárias de Fazer Economia.

¹ Plataforma e aplicativo virtuais de educação em economia solidária: http://www.fazersolidario.org.br/

² Através do Projeto "Plataforma de Educação em Economia Solidária".

^{3 &}lt;a href="https://www.christianaid.org.uk/">https://www.christianaid.org.uk/

⁴ Através dos seguintes convênios entre CAMP - SENAES/MTB -Secretaria Nacional de Economia Solidária / Ministério do Trabalho e Emprego: CFES Sul (convênio nº 775707/2012), PopRua (convênio nº 775707/2012) e Fundos Sul (convênio nº 792864/2013).

Este caderno corresponde às Vídeo Aulas do Módulo II desse curso - Educação Popular e Economia Solidária e reúne os artigos escritos pelos/as educadores/as populares que ministraram essas aulas. No primeiro artigo, Selvino Heck nos faz mergulhar na história da educação popular, que se mistura com a história de Paulo Freire. Revisitando algumas passagens dos anos 60, o período de resistência à ditadura, o processo de abertura democrática e as políticas de educação popular em economia solidária. No segundo artigo, Roseli Pereira Dias nos leva a visitar alguns dos princípios básicos da educação popular: diálogo, amorosidade, experiência, construção de conhecimento, transformação da realidade. Mostrando-nos como a mobilização de saberes é vivenciada na experiência de trabalho solidário da Associação de Recicladores de Dois Irmãos / RS. No terceiro artigo, Helena Bins Ely apresenta algumas dicas metodológicas para aqueles e aquelas militantes que estejam interessados/as em organizar algumas atividades de educação popular com seu grupo ou empreendimento. Boa leitura!









1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO POPULAR

Selvino Heck⁵

Paulo Freire é a figura máxima da educação popular brasileira e mundial, declarado oficialmente Patrono da Educação brasileira pelo governo federal, o brasileiro mais lido e citado no mundo.

Um pouco ou um tanto de cronologia

A história da educação popular e de Paulo Freire começou nos anos 1950, Paulo Freire trabalhando no SESI/PE, onde, entre 1956 e 1958, é Diretor Geral da Divisão de Educação.

De 9 a 16 de julho de 1958, acontece o II Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro. Paulo Freire, coordenador técnico de um grupo de trabalho, apresenta as bases teóricas de seu sistema de alfabetização de adultos, como trabalho *A Educação de Adultos e as Populações marginais: o Problema dos Mocambos*. Este relatório, segundo cronologia elaborada por Moacir Gadotti, presidente do Instituto Paulo Freire (IPF), em 50 anos de Angicos e do Programa Nacional de Alfabetização, "é o germe de toda a literatura ético-política-crítica de Paulo da educação para a transformação".

Em 13 de maio de 1960, acontece a fundação do Movimento de Cultura Popular (MCP), Miguel Arraes prefeito de Recife, Pernambuco. Movimento de marcante presença na mobilização social e popular dos anos 1960, especialmente no Nordeste brasileiro. Paulo Freire é um dos seus membros mais atuantes.

⁵ Educador popular nas CEBs, pastorais sociais e movimentos populares da Lomba do Pinheiro nos anos 1970, Educador popular no CAMP nos anos 1980 e 1990. Educador popular na Rede de Educação Cidadã (RECID) nos governos Lula e Dilma nos anos 2000. Artigo escrito em Janeiro de 2017.

Em fevereiro de 1961, o secretário de Educação de Natal, Rio Grande do Norte, lança a Campanha "De pé no chão também se aprende a ler".

Em 21 de março de 1961, é fundado o MEB (Movimento de Educação de Base), parceria entre governo federal e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Em 1963, 40% da população brasileira era analfabeta. Em 18 de janeiro de 1963, acontece o lançamento do Projeto Experimento Angicos, no Rio Grande do Norte, com o objetivo de alfabetizar 300 moradores/agricultores. Paulo Freire começa um projeto e um método revolucionário de alfabetização, rompendo os conceitos de alfabetização da época. Baseavam-se, o projeto e o método, na experiência de vida das pessoas. Um dos seus objetivos era dar ao aluno, ou educando, um espírito crítico sobre o papel do homem no mundo. As duas primeiras aulas eram apenas sobre cultura. Não existiam cartilhas com lições programadas. "Paulo Freire repudiava o uso do material que pouco tinha a ver com a realidade do aluno" (Povo e Tijolo para ensinar a ler – Há 50 anos Paulo Freire dava início ao seu projeto de alfabetizar em 40 horas 300 alunos de Angicos, RN, O Globo, 03.06.2013, p. 4). Passados quatro meses do 18 de janeiro, o Brasil tinha 300 analfabetos a menos. O Método é estendido para Natal, Rio Grande do Norte, e João Pessoa, Paraíba.

O ponto de partida eram palavras usadas na comunidade. A primeira palavra geradora foi 'belota', na verdade 'borlota', algo que se usava para pôr na rede. Para o povo era 'belota'. Na quarta aula, em 2 de abril de 1963, esteve presente o presidente João Goulart, Jango. Os alunos entregaram cartas escritas por eles ao presidente da República. Consta que na ocasião o general Castelo Branco, então Comandante da Região Militar no Recife e um ano depois primeiro presidente militar do golpe de 64, presente ao ato, disse a Calazan Fernandes: "Meu jovem, você está engordando cascavéis nesses sertões."

Em 21de janeiro de 1964, é instituído o Programa Nacional de Alfabetização, governo João Goulart, ministro Paulo de Tarso, consagrando o

Sistema Paulo Freire para alfabetização em tempo rápido, com a previsão de alfabetizar 1.834.200 de brasileiras e brasileiras analfabeto/as em 1964 e a criação de 60.870 Círculos de Cultura. Isto é, na frase do ditador Castelo Branco, "o engorde de cascavéis nos sertões".

O sentido crítico e libertador da alfabetização

Saul Leblon, editorialista do *site* Carta Maior, fez uma frase sintética, mas quase definitiva: "*A proposta era alfabetizar com lápis, papel e consciência social*."

Parte-se de uma palavra geradora, uma palavra usada pelos educandos no cotidiano da comunidade e da família. No caso de Angicos, 'belota', que, além disso, possibilitava uma grande variedade de sílabas: ba be bi bo bu; la le li lo lu; ta te ti to tu. E levava a um tema gerador: o trabalho das pessoas, as funções de uma belota, o significado da rede para a vida, tecer junto, etc.

Foi usada também a palavra tijolo, a mesma que usamos num programa de alfabetização na Lomba do Pinheiro nos anos 1970. Tijolo: ta te ti to tu; ja je ji jo ju; la le li lo lu. A maioria dos trabalhadores da Lomba do Pinheiro eram pedreiros, serventes, mestres de obra, os maridos das mulheres trabalhavam em geral na construção civil. Falava-se do sentido do tijolo na vida das pessoas, que construíam suas próprias casas, mas ganhavam o sustento da família fazendo as casas dos outros, em geral muito mais ricos e bem situados na vida que eles, da importância do tijolo nas suas vidas, que era seu ganha-pão, de como, em geral, era duro o trabalho, inverno e verão sem parar, de quão pouco ganhavam de salário, de como eram explorados pelos patrões, de como eram mandados pelos engenheiros enquanto que, em suas próprias casas, construídas com suas mãos, sua inteligência e sabedoria de vida, eles faziam como queriam e mandavam neles próprios, tinham autonomia. E assim por diante. A palavra tijolo possibilitava mil conversas sobre a vida, a comunidade, o

trabalhar junto, a família, a importância e necessidade da organização. A alfabetização, de muitos que não sabiam, ou mal sabiam, ler e escrever, construía consciência crítica e cidadã, as tais 'cascavéis' do general. Daí, partia-se para as lutas nas associações de bairros das vilas da Lomba do Pinheiro, a organização da Oposição Sindical da Construção Civil, contra a direção de um sindicato pelego, para a ferramenta partidária, etc. Cidadãos críticos e transformadores.

Era a prática-teoria-prática. Partia-se da prática e da realidade de vida das pessoas para a teorização e daí para uma nova prática, enriquecida, consciente. Ou ação-reflexão-ação. A partir da ação de cada um e cada uma, refletia-se sobre a ação, que levava a uma nova ação, de outra qualidade e novo sentido.

Voltando à cronologia

O golpe militar aconteceu em primeiro de abril de 1964. A reação e ação da ditadura militar foram imediatas. O primeiro ato do então governo ainda provisório, Rainieri Mazzili, presidente do Congresso que assumiu a presidência da República, em14 de abril de 1964, um dia antes da posse do presidente militar Castelo Branco, que foi em 15 de abril, foi editar o Decreto número 53.886. "Objeto: Revoga o Decreto número 53.465, de 21.01.64, que institui o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério Da Educação e Cultura", formulado por Paulo Freire. Mais adiante, a ditadura militar cria o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), substituindo o Programa Nacional de Alfabetização de Paulo Freire, usando alguns dos seus elementos 'técnicos', mas desprezando todo seu lado crítico e conscientizador.

Em 16 de junho de 1964. Paulo Freire é preso, considerado 'subversivo e ignorante'. O Inquérito Policial Militar (IPM) instaurado, e respondido por Paulo Freire, diz: "É um dos responsáveis pela subversão imediata dos menos favorecidos." Depois de 72 dias preso, Paulo Freire resolve ir

para o exílio, primeiro na Bolívia, depois no Chile, em tempos de Salvador Allende.

Em 1967, Paulo Freire publica "Educação como prática da liberdade". Entre 1967 e 1968, no Chile, escreve seu livro mais conhecido "Pedagogia do Oprimido", que veio a ser publicado no Brasil apenas em 1974. Em 1969, torna-se perito na UNESCO e leciona na Universidade de Harvard, EUA. Em 1970, passa a trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas, com sede em Genebra, Suíça, onde "passa a 'andarilhar' pelos cinco continentes" (Paulo Freire, anistiado político brasileiro, p. 147).

O espalhamento do Método Paulo Freire e sua atualidade

Segundo Marcos Guerra, um dos Coordenadores dos Círculos de Cultura, "o Método não envelheceu. Continua sendo atual. Se não está sendo usado, é porque não corresponde ao objetivo dos governantes." Ou nas palavras de Moacir Gadotti, presidente do Instituto Paulo Freire: "O significado da experiência de Angicos é bem maior do que uma experiência que repercutiu fora do Brasil, e é válida até hoje. É um método que desperta o desejo de continuar aprendendo o resto da vida."

Nos anos de chumbo da ditadura militar e na luta pela redemocratização do Brasil, anos 1960, 1970, 1980, a educação popular freireana e sua pedagogia libertadora e conscientizadora 'invadiram' as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e as pastorais sociais das igrejas progressistas, ajudaram a construir o movimento sindical combativo, com as primeiras greves do ABC, as oposições sindicais que surgiram em todo país, de onde surge a CUT, ONGs como o CAMP, que eram instrumento para apoiar as lutas e ajudar na conscientização e organização de trabalhadoras e trabalhadores, Movimentos de luta pela terra, como o MST, as lutas urbanas por moradia, saneamento e transporte de qualidade. A pedagogia e o Método Paulo Freire estão presentes em todos os espaços de organização da classe trabalhadora e de luta pela redemocratização do

Brasil. A educação popular freireana, mesmo ele ausente do Brasil, foi uma espécie de cimento articulador dos movimentos sociais e populares na luta contra a ditadura e pela democracia.

De volta à cronologia

Paulo Freire volta ao Brasil em 1979, ainda em viagens curtas, retornando definitivamente em 1980, depois de 16 anos de exílio. Ele escreveu em 'Pedagogia da Esperança': "É difícil viver o exílio. Esperar a carta que se extraviou, e notícias do fato que não se deu. Esperar às vezes gente certa que chega, às vezes ir ao aeroporto simplesmente esperar, como se o verbo fosse intransitivo". E repetia: "Antes de ser cidadão do mundo, sou um cidadão do Brasil."

Em 1989, assume o cargo de Secretário de Educação do município de São Paulo, no governo Luíza Erundina, propondo uma educação pública e uma escola popular e democrática, mostrando que a educação formal não está ou não precisa estar separada ou ser oposta à educação não formal.

Em 29 de outubro de 1989, acontece o lançamento do MOVA/SP (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da cidade de São Paulo), programa da prefeitura de São Paulo, com os seguintes objetivos: 1. Desenvolver um processo de alfabetização que possibilitasse aos educandos uma leitura crítica da realidade; 2. Por meio do Movimento de Alfabetização, contribuir para o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos e dos educadores envolvidos; 3. Reforçar o incentivo à participação popular e à luta pelos direitos sociais do cidadão, ressaltando o direito básico à educação pública e popular; 4. Reforçar e ampliar a atuação dos grupos populares que já trabalhassem com alfabetização de adultos na periferia da cidade.

Em 1991, é criado o Instituo Paulo Freire (IPF). Segundo o educador popular Carlos Rodrigues Brandão, em debate promovido pela Rede de

Educação Cidadã (RECID) em Goiânia, GO, Moacir Gadotti foi um dia perguntar a Paulo Freire o que ele achava da ideia de se criar um Instituto com seu nome, para guardar documentos, estimular a reflexão e manter viva a memória de suas ideais e pedagogia. Paulo Freire respondeu, bem no espírito da educação popular conscientizadora e libertadora: "Se for para me repetir, não criem. Mas se for para me superar, vocês podem criá-lo."

Paulo Freire morre em 2 de maio de 1997.

Os anos 2000

As ideias e a pedagogia de Paulo Freire continuam vivas na sociedade e em governos. O MOVA-Brasil é criado em 2003, numa parceria entre o Instituto Paulo Freire, a Federação Única dos Petroleiros (FUP), com apoio da Petrobrás, como parte do Programa Petrobrás Fome Zero, a partir das políticas sociais e do Programa Fome Zero do governo Lula.

Na criação do Programa Fome Zero, em 2003, Frei Betto torna-se Assessor Especial do presidente Lula para ajudar a promover a mobilização da sociedade em torno do Programa. Seguindo Paulo Freire, Frei Betto usa termos simbólicos para fazer a mobilização social: MESA (Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar), PRATO (Programa Todos pela Fome Zero), COPO (Comitê Operativo do Fome Zero), SAL (Serviço de Segurança Alimentar), e TALHER, única palavra que se explica por si só. A partir da equipe de educadores populares do TALHER – garfo, faca, que ajudam a comer, e, em espanhol, significa oficina de capacitação/formação - surgiu a Rede de Educação Cidadã (RECID), que desde 2003 vem fazendo trabalhos de mobilização e conscientização das famílias beneficiárias do Programa Fome Zero e de outras políticas sociais do governo federal. A frase que define a RECID, usada por Frei Betto em perspectiva freireana, é: "É preciso matar a fome de pão; é preciso saciar a sede de beleza." Isto é, a sede de direitos, de cidadania, de participação, de democracia.

Em 03 de setembro de 2005, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva esteve presente na cerimônia de entrega de certificados de alfabetização de 3 mil alunos do Projeto MOVA-Brasil em Angicos, Rio Grande do Norte.

Em 2009, Paulo Freire é declarado anistiado político pela Comissão de Anistia do Ministério da Justiça. Na ocasião, a Rede TALHER de Educação Cidadã e o Programa Escolas-Irmãs solicitaram declarações de várias personalidades. Lula declarou: "Anistiar Paulo Freire é libertar o Brasil da cegueira moral e intelectual que levou governantes a considerarem inimigos da Pátria educadores que queriam libertar o País da cegueira do analfabetismo." Frei Betto: "Anistiar Paulo Freire é anistiar a educação brasileira do sucateamento e torná-la prioridade nacional." Minha frase, em nome da RECID e do Escolas-Irmãs: "Paulo Freire, educador popular e cidadão do mundo, finalmente vai voltar a ser cidadão brasileiro em sentido pleno: com direito a reconhecimento formal de sua brasilidade e de sua contribuição à educação como prática da liberdade, à Pedagogia do Oprimido, da indignação e da autonomia."

Em 2012, a Lei 12.612, de iniciativa da deputada federal Luiza Erundina, consagra Paulo Freire Patrono da Educação brasileira, lei sancionada pela presidenta Dilma Rousseff.

Paulo Freire, a Educação Popular e a Economia Solidária

Paulo Freire escreve, na Introdução ao Primeiro Programa de Economia popular de Solidariedade para a América Latina: "Ela (ECOSOL) representa algo de novo e esperançoso para o futuro da educação e para uma nova ordem econômica mundial. Considerando-se que a partir de uma nova prática econômica teremos que elaborar uma teoria do conhecimento que fundamente e fortaleça uma vida melhor para os setores populares."

Paul Singer escreve, no Prefácio de 'Economia Solidária como Práxis pedagógica', de Moacir Gadotti: "A ligação umbilical da educação popular

com a economia solidária se deve ao fato que esta se apoiar em novos valores que, aplicados a atividades econômicas, exigem a invenção de novas práticas que cabe à educação popular difundir entre aqueles que a realidade dinâmica do capitalismo exclui do espaço econômico que ele domina."

Para Gadotti, o projeto de sociedade "implica em novos valores, acentuando o papel da educação popular em caráter participativo, contestatório, alternativo e alterativo. Por isso, a educação é essencial para o avanço da economia solidária. Empoderar não é 'ter mais' poder individual, mas reinventar o poder, conquistar mais autonomia, 'ser mais', como dizia Paulo Freire."

Por isso, segundo Paul Singer, na referida Introdução: "A educação, que é essencial para o avanço da economia solidária, só pode ser aquela que começa por negar que os papéis de educador e educando sejam desempenhados sempre pelas mesmas pessoas. 'Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender', dizia Paulo Freire. O que permite concluir que, se esta pedagogia fosse aplicada nas escolas em todos os níveis de ensino, do jardim de infância à pós-graduação universitária, teríamos uma nova geração muito mais propensa a se engajar numa economia solidária, como modo de vida congruente com a sua vivência escolar. Este ainda é um sonho de poucos, que tendem a se multiplicar."

Ou seja, educação popular e economia solidária não só dialogam quanto têm um sentido comum, a transformação social. A primeira Oficina Nacional de Formação/Educação em Economia Solidária, realizada em 26 e 27 de outubro de 2005 pela Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), coordenada pelo economista e também educador popular Paul Singer, do Ministério do Trabalho (MTE), cujo relatório foi publicado em 2006, ainda no primeiro governo Lula, diz, na parte de formação de formadores, como uma das propostas dos participantes: "Avançar na definição e construção da Escola de Educadores Sociais, a partir dos referenciais de Paulo Freire, integrando educação popular e Economia Solidária."

Uma das diretrizes do Termo de Referência para implantação dos Centros de Formação em Economia Solidária (CFES) é: "d) Educação popular: o processo de formação em economia solidária dever ser orientado pelos fundamentos, princípios, práticas e metodologia da educação popular, o que requer intercâmbio com organizações e redes que se constituem a partir dessa prática educativa."

A educação popular e a economia popular têm como ponto de partida o chão da realidade, constroem-se no fazer coletivo, na solidariedade e só têm sentido se são processos de conscientização no rumo de uma nova sociedade, formando cidadãos críticos, transformadores e solidários.

A Economia Solidária, como práxis pedagógica, tem na raiz o Bem Viver: a harmonia entre homens, mulheres e comunidade, a relação dialógica com a natureza, tal como vivem os indígenas bolivianos e latino-americanos.

O futuro, a esperança, a utopia da educação popular e da economia solidária

A frase REUNIR NÓS E MILHÕES foi proferida por Moacir Gadotti em reunião da Rede de Educação Cidadã (RECID).O 'nós' significa eu, tu, eles, nós todas e todos, quanto os nós que tecem uma rede, unem seus pontos e criam força. É o que Paulo Freire propôs há mais de 50 anos, sonho que se espalhou pelo mundo, e permanece mais que vivo, em todos aqueles e todas aquelas que acreditam na solidariedade, buscam a justiça e constroem 'um outro mundo possível'.

"Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido continuam vivos, muito vivos: nas cirandas da vida de Fortaleza e de tantos lugares Brasil afora, na Rede de Educação Cidadã, nas lutas dos movimentos sociais, nas experiências e práticas de economia solidária, no trabalho de base, nos processos formativo-educativos dos governos democráticos e populares. A experiência de Angicos, o Programa Nacional de Alfabetização estão na história, nas mentes e corações das/dos edu-

cadoras/es populares. E serão ressuscitados e ampliados numa futura Política Nacional de Educação Popular, que um dia vai acontecer. O golpe civil-militar não matou a semente e seus frutos" (Selvino Heck, 14 de abril de 1964: não a Paulo Freire, artigo de 02.04.2014).

Para terminar, nada como lembrar, poetar, declamar, cantar a Canção para os Fonemas da Alegria – a Paulo Freire, de Thiago de Mello, publicada em 'Faz escuro mas eu canto – porque a manhã vai chegar' (Editora Civilização, 1965):

"Peço licença para algumas coisas./ Primeiramente para desfraldar/ este canto de amor publicamente./ Sucede que só sei dizer amor/ quando reparto o ramo azul de estrelas/ que em meu peito floresce de menino./ Peço licença para soletrar,/ no alfabeto do sol pernambucano/ a palavra ti-jo-lo, por exemplo,/ e poder ver que dentro dela vivem/ paredes, aconchegos e janelas,/ e descobrir que todos os fonemas/ são mágicos sinais que vão se abrindo/ constelação de girassóis gerando/ em círculos de amor que de repente/ estalam como flor no chão da casa./ Às vezes nem há casa; é só o chão./ Mas sobre o chão quem reina agora é um homem/ diferente, que acaba de nascer;/ porque unindo pedaços de palavras/ aos poucos vai unindo argila e orvalho, tristeza e pão, cambão e beija-flor,/ e acaba por unir a própria vida/ no seu peito partida e repartida/ quando afinal descobre um clarão/ que o mundo é seu também, que o seu trabalho/ não é a pena que paga por ser homem, mas um modo de amar - e de ajudar/ o mundo a ser melhor./ Peço licença/ para avisar que, ao gosto de Jesus,/ este homem renascido é um homem novo:/ ele atravessa os campos espalhando/ a boa nova, e chama os companheiros/ a pelejar no limpo, fronte a fronte,/ contra o bicho de quatrocentos anos, mas cujo fel espesso não resiste/ a quarenta horas de total ternura./ Peço licença para terminar/ soletrando a canção de rebeldia/ que existe nos fonemas da alegria:/ canção de amor geral que eu vi crescer/ nos olhos do homem que aprendeu a ler."

Educação popular e economia popular estiveram juntas, décadas atrás, nos versos solidários de Thiago de Mello a Paulo Freire. O poema, não

por acaso, foi escrito em Santiago do Chile, na primavera de 1964. Assim, todas e todos poderão continuar dizendo com Paulo Freire: "Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar e com sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina." (FREIRE, Paulo. Cidadão brasileiro. apud HECK, Selvino.Paulo Freire, anistiado político brasileiro. p. 33)

Referências bibliográficas:

- ABONG e Observatório da Sociedade Civil. Caminhos para um desenvolvimento justo A sociedade civil na linha de frente da luta socioambiental. Gestão 2013/2016.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Educação Popular*. São Paulo, Brasiliense, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é o Método Paulo Freire*. São Paulo, Brasiliense, 2005.
- CAMINI, Isabela. Cartas Pedagógicas/Aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Ed. Outras Expressões/CAMP. SP, 2012.
- CEFURIA, TALER Paraná. *A Pedagogia de Paulo Freire, uma Pedagogia humanizadora*. Escola de Formação Básica Multiplicadora da Economia Popular Solidária, maio/2004.
- COLETÂNEA de textos CONFINTEA Brasil + 6. MEC, UNESCO, 2016.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011b
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, Paz e Terra, 17, edição, 1987.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação. São Paulo, UNESP, 2000.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *O trabalho como princípio educativo por uma superação das ambiguidades*. Boletim Técnico do Senac, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, dez.;1985.

- FUNDEP, Fundação de Desenvolvimento, Educação e Pesquisa. *Coragem de educar Uma proposta de educação popular para o meio rural*. Vozes, Petrópolis, 1995.
- GADOTTI, Moacir. *Economia solidária como práxis pedagógica*. São Paulo, Instituto Paulo Freire, 20009, Cadernos de Formação.
- GADOTTI, Moacir. Educar para a sustentabilidade uma contribuição para a década da sustentabilidade. São Paulo, Instituto Paulo Freire, 2008.
- GADOTTI, Moacir e Paulo Abrão (org.). *Paulo Freire, anistiado político brasileiro*. Instituto Paulo Freire, Ministério da Justiça, Comissão de Anistia, Brasília/São Paulo, 2012.
- HECK, Selvino. *Educar é transformar*. Artigo em ADITAL (Agência de Notícias Frei Tito para a América Latina), em 18.02.2009.
- HECK, Selvino. *14 de abril de 1964: não a Paulo Freire*. Artigo em Jornal do Brasil, 20.04.2014.
- HECK, Selvino. *Políticas de Emprego e Inclusão social: o Pão, a Palavra e o Projeto*. In Políticas para o Desenvolvimento Local. Organizadores: Ladislau Dowbor e Márcio Pochmann, Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2010.
- HECK, Selvino. *Reunir nós e milhões*. Artigo em Jornal do Brasil, em 09.06.2014.
- HECK, Selvino. *?E si la* pátria *fuese educadora E se a pátria fosse educadora?* In Revista Voces de la Educación, primeiro semestre de 2016.
- MARCO de Referência da Educação popular para as Políticas públicas. Publicação Secretaria Geral da Presidência, Rede de Educação Cidadã (RECID), 2014.
- MOVA-Brasil 10 anos. IPF, Petrobrás. FUP, Ministério da Educação, São Paulo, 2013.
- PALUDO, Conceição. Educação popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático-popular. Porto Alegre, Tomo Editorial/CAMP, 2001.
- PONTUAL, Pedro de Carvalho. Desafios pedagógicos na construção de

uma relação de parcerias entre movimentos populares e o governo municipal da cidade de São Paulo na gestão de Luiza Erundina: a experiência do MOVA/SP (1989;1992). Dissertação de Mestrado. PUC/SP, São Paulo, 1995.

RECID (Rede de Educação Cidadã). *Cartas Pedagógicas*. Brasília, 2008. SISTEMATIZAÇÃo de experiências em Economia Solidária de Santa Catarina, SENAES/MTE, UNISINOS.









2. PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO POPULAR

Roseli Pereira Dias⁶

Ao ser convidada para participar desta iniciativa – Plataforma Aprendente – e refletir sobre a relação entre a educação popular e a economia solidária, revisitei, em minha memória, os diferentes empreendimentos de economia solidária que tive oportunidade de conhecer e/ou trabalhar nos últimos 16 anos, principalmente as cooperativas de recicladores da região do Vale do Rio dos Sinos (VS). A partir daí, resgatei entre meus livros, o estudo do professor Telmo Adams - "Vivendo e Reciclando". O trabalho faz um recorrido histórico da Associação de Recicladores de Dois Irmãos (22 anos de história) e é parte de sua tese de doutorado -"Educação e Economia (Popular) Solidária: mediações pedagógicas do trabalho associado na Associação de Recicladores de Dois Irmãos 1994-2006". Este empreendimento de economia solidária, na área da reciclagem, está na região citada acima e possui exemplos nítidos da relação proposta educação popular e economia solidária. Por esta razão o mesmo nutriu substancialmente as reflexões que seguem. Antes de entrar propriamente no tema, duas introduções necessárias: o que é Educação Popular e o que é Economia Solidária.

O que é Educação Popular?

Paulo Freire em seu livro *Educação como prática da liberdade*, afirma que a educação tem que ser um processo "habilitador" e "revelador", uma descoberta em constante movimento para a liberdade, um processo que coloque os homens em diálogo constante, dispostos a constantes revisões de suas práticas.

⁶ Educadora Popular. roselipereirad@gmail.com.

Resgatando a riqueza do trabalho de Paulo Freire, o Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas (elaborado em 2014 pelo Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã do governo federal) define a educação popular como uma concepção e uma metodologia de educação, ao mesmo tempo. A Educação Popular articula os diferentes saberes e práticas, as dimensões da cultura e dos direitos humanos e o compromisso com o protagonismo das classes populares nas transformações sociais. A Educação Popular visa a emancipação do povo, a transformação da realidade e a construção da justiça política, econômica e socioambiental.

São elementos intrínsecos à Educação Popular:

<u>O diálogo</u> é para Paulo Freire o alicerce da Educação Popular sem o qual não é possível os sujeitos vivenciarem uma pedagogia libertadora e transformadora. É através do diálogo que é possível compreender a realidade, pensar sobre o mundo e problematizá-lo para transformá-lo. Para que ele ocorra, é necessário estabelecer relações horizontais, nas quais não haja saber maior ou menor, mas saberes diferentes. É a partir do diálogo, em relações horizontalizadas, que se promovem, dialeticamente, novos conhecimentos. O diálogo é o caminho para aprofundar a solidariedade e elaborar alternativas para a superação dos problemas. É através do diálogo que se rompe com o silêncio e se institui uma pedagogia emancipatória, com cidadãos e cidadãs mais autônomos, críticos, criativos e éticos.

Amorosidade é a palavra na qual Paulo Freire reflete que a educação deve ser um ato de amor (amar aos homens e ao mundo). Somente uma educação, carregada de amor e de afetividade, possibilita a vivência do respeito, humaniza e liberta as pessoas.

<u>A realidade concreta</u>, na Educação Popular, é sempre o ponto de partida, exatamente em oposição à educação "bancária". São, nos fatos concretos,

na vida cotidiana, que encontramos os elementos para o diálogo, para a análise, para o intercâmbio de percepções, ligando o presente com o passado e o futuro.

<u>Construção do conhecimento</u>: a Educação Popular reconhece e valoriza os conhecimentos prévios do povo (teóricos e práticos) e defende que através do diálogo, em relações horizontalizadas e democráticas, ocorre o intercâmbio dos diferentes saberes e a construção de um novo e coletivo conhecimento. O saber e o conhecimento de todos deve ser levado em conta, pois não há conhecimento mais ou menos importante, válidos ou não: o que existe são distintos saberes.

<u>Conscientização</u>: a tomada de consciência consiste em compreender a realidade em suas múltiplas facetas, causas e conseqüências. A conscientização é um compromisso histórico. É inserção crítica na história: homens e mulheres assumindo o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Para Paulo Freire, o processo de conscientização só se realiza quando além de tomar consciência da realidade os sujeitos se organizam coletivamente para atuar sobre ela e transformá-la.

A transformação da realidade: o processo educativo, se dialógico e conscientizador, se baseado na educação popular, procura sempre ser transformador da realidade. Procura construir novas relações econômicas, sociais, culturais, ambientais, baseadas na igualdade, na fraternidade, na justiça. Também mudam as relações, as pessoas e as relações entre as pessoas. As pessoas transformam-se sujeitos de direitos, protagonistas do seu destino e da sua contribuição na transformação. A educação conscientizadora e libertadora deve contribuir na democratização do Estado e da sociedade.

A sistematização das experiências e do conhecimento é a estratégia metodológica da Educação Popular para a apropriação da experiência vivida e refletida e dos conhecimentos produzidos coletivamente.

O que é Economia Solidária?

Ao buscarmos a conceituação sobre Economia Solidária, encontramos várias afirmativas que se complementam. Entre elas resgato neste texto:

"São homens e mulheres organizando o trabalho de um jeito solidário. A Economia Solidária é ter valores culturais que colocam o ser humano em primeiro lugar" (caderno de economia solidária – Anteag)

"A Economia Solidária foi concebida para ser uma alternativa superior ao capitalismo por proporcionar vida melhor." (Paul Singer, Introdução à Economia Solidária)

"A Economia Solidária parte do princípio de que o central na organização da sociedade é o ser humano. É essa noção que vai redefinir relações sociais, econômicas, afetivas e produtivas". (Auto Gestão e Economia Solidária – Uma nova metodologia, 2º Volume)

A Economia Solidária compreende uma variedade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, crédito, consumo, entre outras, centrada na valorização do ser humano e não do capital, caracterizando-se pela igualdade.

Os empreendimentos de Economia Solidária regem-se por um conjunto de princípios entre os quais estão autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo, consumo solidário.

Mas qual é a relação entre Economia Popular Solidária e Educação Popular?

A sistematização da trajetória, vivências e processos formativos da Associação de Recicladores de Dois Irmãos, empreendimento citado no

início deste trabalho, nos dá elementos bastante significativos da relação existente entre educação popular e economia solidária, que podem ser identificados em vários outros empreendimentos deste segmento sócio-econômico.

Construção de um novo aprendizado: os empreendimentos de Economia Solidária são espaços estimuladores para que a Educação Popular aconteça, porque, na sua essência, surgem com uma alternativa à forma capitalista de organização do trabalho. Para que concretizem seus princípios e objetivos, se faz necessário o aprendizado de um novo jeito de fazer e viver. "Os empreendimentos de Economia Popular Solidária são espaços prenhes de elementos simbólicos valiosos com potencial educativo emancipador (...) Cabe valorizá-los como catalizadores de energias com novas formas de produzir que, apesar das fragilidades, produzem um ethos individual e coletivo com distintos modos de produção de sentidos, diferentes daqueles presentes nas relações capitalistas" (ADAMS, Telmo).

<u>Mudança Cultural</u>: a Educação Popular, na Economia Solidária é estratégica para a construção de uma nova cultura. "Na forma associada ou solidária, os trabalhadores se organizam com o fim de produzir para o bem viver e conquistar a gradativa libertação das amarras da organização capitalista de trabalho assalariado, o que constitui sua perspectiva utópica. Mas a superação da exploração ou da oposição entre capital e trabalho não elimina questões conflitivas como as de ordem cultural (incluindo a de gênero e a étnico-cultural), de compreensão de projeto, de gestão e de metodologia".

Mobilização de saberes: a sistematização desta experiência permite confirmar que a "experiência refletida" é a estratégia principal da formação, da mobilização dos saberes, da mudança de posturas do coletivo. Encontraram-se, neste empreendimento, diferentes grupos de saberes produzidos ao longo de sua trajetória: organizacionais; relacionais; técnicos da produção; administrativos-contábeis; técnicos de comercialização; ambientais; saberes da relação com o poder público/sociedade e saberes políticos. Seguem alguns depoimentos relacionados à síntese anterior:

"Aqui temos um ajuntamento de conhecimentos, onde cada um sabe alguma coisa"

Saberes Ambientais:

"Para nós que viemos da colônia mudou bastante. Éramos acostumados a trabalhar no pesado. A gente derrubava mato para fazer carvão, moto serra para cortar árvores. Lá fora, nós destruíamos a natureza e, agora, estamos ajudando a conservá-la".

"É isso mesmo. Nosso trabalho tem um sentido muito especial, porque aqui a gente não recicla só a matéria prima, mas também as idéias, conhecimentos e a própria vida".

"Aqui a gente aprendeu a cuidar do meio ambiente, da natureza. Lá fora não era assim, porque lá a gente não sabia. E aqui a gente aprendeu, bah!... Bastante coisa!"

Saberes Técnicos da Produção:

"Todo nosso grupo sabe que o plástico vai passar por um moinho sensível. Por isso não poderá ficar algum pedaço de ferro que vai danificar as navalhas.... Nossa associação tem orgulho de fazer as coisas certas e, assim, sempre terá para quem vender e, normalmente, com melhor preço".

"É muito importante sabermos do que são feitos os materiais para saber fazer a classificação".

Saberes Relacionais:

"Na fábrica o patrão dizia que tinha que ser assim e está acabado. A opção era concordar ou ir pra rua. Aqui temos um

grupo de trabalho que estamos juntos no dia a dia. Temos que ir construindo nossa organização coletiva, resolvendo os conflitos que surgem".

"Estamos num ambiente de trabalho mais humanizado, onde podemos dialogar com liberdade. Temos uma melhor remuneração e condição de vida. Aqui somos colegas de profissão e amigos".

"Eu posso falar isso porque eu trabalhei em vários setores. Aqui eu vejo assim que é possível um mundo melhor, uma sociedade melhor. Porque aqui tu tem chance de dar tua opinião. Tu é ouvida. Nem sempre tu tá certa mas tu tem a chance de falar. Numa empresa privada... uma ou duas pessoas mandam e o resto obedece. Aqui é diferente... Hoje eu vejo as coisas totalmente diferentes. Eu me envolvo muito mais com as pessoas. Eu acho que quando eu trabalhava numa empresa privada eu ficava mais em torno dos meus problemas... Há várias maneiras de fazer as coisas melhor. Conversando, ajudando, opinando, participando é possível fazer as coisas melhor. E isso tudo eu aprendi aqui. E tô aprendendo a cada dia".

Saberes da Relação como o Poder Público:

"O respeito foi se criando pela qualidade de nosso trabalho e pelo nosso conhecimento. Nas negociações de contrato, foi fundamental a experiência que a gente tinha e que nos fortaleceu em nossos argumentos na negociação."

Esses diferentes saberes adquiridos no exercício da prática do diálogo, da democracia, da construção coletiva, permitiram ao grupo melhorar a qualidade do trabalho, da organização e da participação.

"Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os <u>homens</u> se educam entre si, mediatizados pelo <u>mundo</u>." (Pedagogia do Oprimido)

O papel das lideranças no processo de Educação Popular:

Os processos formativos dentro de empreendimentos de economia solidária não são processos 'naturais' e muitas vezes encontram resistências dos participantes que, originadas por motivos diversos, trazem dificuldades que inibem as mediações pedagógicas. Portanto, afirma o estudo, "o investimento em formação depende muito da presença de gestores/as solidários/as no grupo que tenham posturas e práticas dialógicas (democráticas) e uma compreensão da importância de cultivar processos educativos". Sendo que:

- os empreendimentos que investem na dimensão educativa reflexão sobre a prática, formação humana e capacitação técnica – normalmente têm mais chance de se viabilizar;
- a formação passa a ser parte integrante da vida de um empreendimento quando o grupo tiver experimentado resultados convincentes, associados à melhoria econômica;
- a compreensão coletiva da formação como parte do trabalho exige um processo cotidiano e firmeza de posição da coordenação e/ou gestores-educadores.

Sobre o diálogo no empreendimento:

As reuniões são definidas como o espaço para tratar das questões que tem a ver com o coletivo. É na reunião que se avalia o que vai bem ou não e as mudanças necessárias. Para que isso ocorra com tranqüilidade,

algumas combinações coletivas são valiosas como, por exemplo, a que ninguém pode se ofender, pois as avaliações devem ser interpretadas como mútua ajuda. Novamente o papel da liderança aparece com força para criar o clima de entre ajuda e evitar que tensões se transformem em conflito.

Uma reflexão sobre autogestão:

A autogestão não é apenas um jeito de administrar um empreendimento solidário. É a continuidade da história de luta dos trabalhadores na construção da liberdade, da democracia, da solidariedade. Autogestão implica em mudanças culturais, sociais nos seus integrantes. Autogestão implica, principalmente, na autonomia do indivíduo na sua relação com o outro; na igualdade entre as trabalhadoras e os trabalhadores. A desigualdade não é aceita como algo natural, pois passa a justificar a existência de diferentes papéis sociais em comunidades abrindo caminho para o preconceito, para que uns exerçam o mando sobre outros.

Ninguém luta contra as forças que não compreende, cuja importância não mede, cujas formas e contornos não discerne" (Paulo Freire)

Sugestões de leituras/vídeos:

- ADAMS, Telmo. Educação e Economia (Popular) Solidária: mediações pedagógicas do trabalho associado na Associação de Recicladores de Dois Irmãos 1994-2006. Tese de Doutorado em Educação/Unisinos, 2007.
- ADAMS, Telmo. Vivendo e Reciclando Associação de Recicladores de Dois Irmãos Ajudando a preservar a natureza. OIKOS Editora, 2005.
- AUTOGESTÃO e Economia Solidária uma nova metodologia. ANTEG, 2004.
- KIRSCH, Rosana. As práticas educativas da economia solidária e a construção coletiva de um projeto alternativo. Artigo.
- LIMA, Maria Isabel. Economia Solidária e Vínculos. Editora Ideias & Letras, 2013.
- MARCO de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas. Secretaria Nacional de Articulação Social – Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã, Brasília, 2014.
- SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. Fundação Perseu Abramo.
- SOMOS todos Catadores Caderno de Formação. Associação Caminho das Águas/Ecoprofetas.
- <u>https://youtu.be/Wiu1eDAuntk</u>: Paulo Freire Contemporâneo trecho catadores e Moya.



Educação Popular e Economia Solidária



3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Helena Bins Ely⁷

Neste texto, vou apresentar, de forma resumida, algumas dicas metodológicas, que podem ajudar a pensar atividades de educação popular. Falo a partir das experiências pessoais e coletivas dos espaços onde atuei como educadora popular, trazendo para este texto um pouco de cada uma dessas experiências, especialmente as do CAMP. Para alguns dos itens, sugiro artigos e roteiros dos Cadernos de Formação de Agentes de Desenvolvimento, que foram publicados a partir do curso do CAMP de Formação de Agentes.

A educação popular é uma educação voltada à reflexão das condições de vida das classes oprimidas, na perspectiva de transformação social para que o povo se torne protagonista da sua própria história⁸. Está conectada a lutas populares, tendo como meta a superação das condições materiais e subjetivas que produzem e reproduzem as desigualdades. Ela incide em mudanças nas formas de existência: concretizando políticas que melhorem as condições materiais de vida das classes populares, redefinindo a distribuição de terra, impondo limites à concentração de renda, dentre tantas outras mudanças necessárias. Mas ela também incide na construção de uma nova visão de mundo, a partir da releitura das práticas cotidianas que naturalizam e reproduzem relações de dominação: de gênero, de etnia, geracionais, territoriais, culturais, educacionais e econômicas. Ela é simultaneamente prática e teórica. É espaço de intercâmbio e reflexão de experiências populares, identificando e valorizando suas riquezas e buscando saídas para superar suas contradições.

Todas as pessoas têm experiências importantes. Essas experiências são o ponto de partida das reflexões dos grupos com quem vamos trabalhar

⁷ Educadora Popular do CAMP.

⁸ Veja texto sobre o tema no Caderno 4, p.40, do Programa de Formação de Agentes de Desenvolvimento.

como educadores/as populares. Nossa sociedade desqualifica os saberes populares, fazendo com que muitos acreditem que os saberes das universidades e das classes dominantes são superiores aos das classes populares. A educação popular valoriza esse conhecimento, através do diálogo⁹, da troca, da reflexão, da fala e da escuta. É na relação com os outros que aprendemos. Ninguém vive sozinho. Ninguém aprende sozinho.

O desafio do/a educador/a popular é fazer com que as atividades sejam um espaço permanente de diálogo e reflexão. Neste pequeno texto, vamos trazer algumas dicas de como trazer para a roda de conversa as experiências dos/as participantes.

Objetivo e Tema

Ao programar uma atividade de educação popular é preciso ter clareza do motivo que nos levou a organizar aquele evento: por que queremos promover aquele encontro? O que queremos alcançar com ele? É importante formular e escrever o objetivo da atividade e o tema que será trabalhado. Isso vai ajudar a definir quem serão os/as convidados/as. O tema deve estar conectado com a vida dessas pessoas. Ter clareza sobre o objetivo da atividade não significa dizer que o/a educador/a tenha que levar conteúdos prontos para os/as educandos/as. Mas que provoque o grupo a pensar sobre aqueles temas que estão em pauta.

O/A educador/a tem um papel importante de problematizar as questões em debate e fazer com que os/as educandos/as olhem com estranhamento suas próprias práticas, provocando a reflexão. Perguntar porque isso acontece 'assim e não assado' é um caminho para ajudar o grupo a aprofundar o conhecimento sobre o contexto no qual está inserido. Quando possível, também é importante trazer informações históricas sobre aquele universo. A problematização é o caminho para a desacomodação,

⁹ Veja texto sobre dialogicidade no Caderno 3, p.40 e 41, da Formação de Agentes de Desenvolvimento.

para não cair no conformismo ou na proposição de ações superficiais que não ajudam a solucionar os problemas. Oportuniza a mudança de percepção da realidade para nela poder (re)inserir-se de forma diferenciada e participar de sua transformação.

Espaço

Tendo definido o objetivo, o tema e quem serão os/as convidados/as, é importante definir algumas coisas práticas: onde será a atividade; que horas vai começar; que horas se pretende terminar; como as pessoas vão chegar ao local; se for mais de um dia, onde vão dormir; quem vai preparar o almoço e lanches e onde serão; se as pessoas virão por conta própria ou receberão alguma ajuda; etc.

Na escolha do espaço, é importante observar que a disposição dos participantes em círculo é necessária para que o diálogo aconteça. Numa sala de aula tradicional, o professor se coloca na frente e os alunos ficam de costas uns para os outros, numa relação clara de hierarquia entre o saber do professor e os dos alunos. O círculo pressupõe relações horizontais entre iguais, não tem lado, não tem os de cima e os de baixo, não tem os que ensinam e os que aprendem. O círculo favorece a força criadora do diálogo. O/A educador/a popular tem um papel importante em fazer com que as experiências do grupo venham para o círculo.

É importante que os/as educadores/as organizem o espaço onde será realizada a atividade: colocando as cadeiras em círculo; ornamentando o espaço com bandeiras e banners; organizando no centro do círculo os objetos que vão compor a mística; deixando à mão materiais que julguem necessário para a atividade (folhas, tarjetas, canetas, pinceis, fita crepe, máquina fotográfica, etc); e, se for o caso, preparando chimarrão e café. À medida que as pessoas forem chegando é importante que sejam acolhidas e orientadas sobre onde deixar sacolas e malas (em caso de encontros que envolvem dormir no local).

Pauta

Na organização do evento, também é importante que o/a educador/a defina com clareza a pauta do encontro, incluindo sempre momento de apresentação no início e de avaliação no final. A pauta não precisa ser rígida, mas deve orientar a organização do encontro. Ao elaborar a pauta, temos que ter clareza de quais os temas e debates que não podem faltar, prevendo quanto tempo cada debate pode durar e, se for o caso, fazer algumas escolhas. Também é importante pensar como provocar cada debate e preparar os materiais antecipadamente. É importante apresentar a pauta para o grupo para poder colher sugestões. Também podemos envolver pessoas do grupo na organização e coordenação do debate de alguns itens da pauta.

Apresentação, Avaliação e Registro

A apresentação é um momento importante para que as pessoas possam saber com quem estão dialogando e para que se reconheçam como grupo. É possível estimular que, ao se apresentarem, as pessoas tragam algo das suas experiências. A atividade pode começar com música, mística, apresentação ou tudo misturado. Quando o grupo é grande, é preciso cuidar para que a rodada de apresentação não se torne cansativa. O jogo do barco é uma opção de apresentação nesses casos¹⁰.

Ao final de cada atividade de educação popular, é importante que o grupo faça uma avaliação do encontro, identificando pontos positivos e questões que devem melhorar nas próximas atividades. Ela ajuda o grupo a encerrar aquele momento de formação, celebrando suas reflexões coletivas. Ajuda os/as educadores/asa identificar dentre os temas e as dinâmicas trabalhadas aquilo que foi bom e que foi ruim, podendo qualificar melhor outras atividades que venham a organizar. A avaliação 10 Veja roteiro do jogo do barco no Caderno do Professor Trabalho e Tecnologia, p. 18, do Programa Integrar.

pode estar junto com a mística de encerramento. Pode ser oral, por escrito, através de desenhos ou pontuação. Quando o encontro é de mais de um dia, é possível fazer mais de uma avaliação ao longo do processo. Também podem ser feitas cartas pedagógicas, onde os participantes expressam as suas impressões subjetivas sobre o processo.

É muito importante também garantir momentos de registro das ações de educação. A ideia central da sistematização é que a produção daquilo que a gente constrói conjuntamente seja apropriada pelos/as próprios/as trabalhadores/as e não pela academia.

Mística e apresentação

A mística é um jeito de reforçar o pertencimento de cada indivíduo ao coletivo e daquele coletivo a um coletivo maior, que abrange um espaço físico e temporal mais amplo do que aquele em que nos encontramos. Conecta aquele coletivo a pessoas, grupos e lutas que vieram antes de nós e que virão depois de nós. Através da mística, trabalhamos com os símbolos e celebramos a luta e a esperança coletiva. Trazemos para a roda os sonhos de um mundo justo, sem exploração, dominação e discriminação. Conectamo-nos de forma coletiva com o transcendental, com a Terra, o universo. A forma como organizamos a mística vai depender do grupo com quem vamos trabalhar, do conteúdo e do objetivo da atividade. Trazemos para o centro do círculo alguns objetos que simbolizam a nossa caminhada, dispostos de uma forma harmoniosa ou formando uma mandala. Esta ornamentação pode ser feita antecipadamente ou com a participação do grupo. Neste caso, as pessoas podem ser convidadas a trazer objetos que simbolizam a luta na qual estão inseridas. Ao iniciar a atividade, damos sentido àqueles símbolos, através de breve fala, poesia ou música. O conteúdo da mística deve estar relacionado aos temas que serão tratados no encontro. A mística também pode se mesclar com a apresentação entre os participantes. Ela também é importante no encerramento, podendo ser feita junto com a avaliação do encontro.

Alternância

Em processos de formação que envolvem mais de um encontro, é importante estimular que os/as educandos/as desenvolvam ações nas suas comunidades, movimentos ou empreendimentos, relacionadas com os temas do processo de formação: levantar informações em diálogo com o grupo ou comunidade a que pertence; experimentar nas suas práticas coletivas aquilo que foi discutido nas atividades de formação; construir diagnóstico; realizar oficinas; produzir vídeo; ler ou escrever um texto; etc. Essas atividades realizadas nas comunidades ou empreendimentos voltam para os espaços de formação para aprofundar as reflexões coletivas sobre o tema em questão. A proposta da alternância ajuda a articular os conhecimentos sistematizados no espaço de formação com os conhecimentos adquiridos através das experiências de militância, vida e trabalho de cada participante.

Trabalho em Grupos

O trabalho em grupos é um jeito legal de trazer as experiências do grupo para o círculo. Ele propicia que todos/as falem e expressem o seu pensamento. Para que o trabalho traga boas reflexões, é importante formular perguntas claras e que tratem de questões centrais sobre o tema que queremos trabalhar. Além de perguntas claras, é necessário definir quanto tempo o grupo terá para o trabalho e sugerir que escolha alguém para relatar e para coordenar as falas, garantindo que todos/as expressem suas ideias. O trabalho em grupo também é um exercício de autogestão.

Depois dos debates, cada grupo organiza uma forma de apresentar suas reflexões para os demais, isso pode ser através de cartazes, de cartelas, de músicas, teatro, desenho, colagens, etc. O/A educador/a tem um papel importante de ajudar o grupo a montar uma síntese daquilo que trazem para o debate.

Cochicho

Também existem formas mais rápidas de trazer as experiências para a roda, que é o cochicho. O/A educacor/a faz uma pergunta e as pessoas buscam responder em pouco tempo conversando com aquelas que estão mais próximo delas. Em seguida, todos os pequenos grupos de duas ou três pessoas apresentam as suas reflexões. É um jeito de fazer com que quase todos/as falem sobre o assunto.

Também podemos fazer uma pergunta e pedir que cada um responda individualmente, através, por exemplo, de uma tarjeta, trazendo para a roda de forma sintética alguma opinião, experiência ou sentimento em relação ao tema em pauta. Dessa forma, as vivências do grupo tornam mais concretas as reflexões sobre o tema.

Visualização

Também podemos trazer para o círculo experiências subjetivas a partir de desenhos e colagens, expressando sentimentos que as pessoas vivenciam no seu cotidiano. Nos anos 90, uma entidade da Alemanha trouxe para o Brasil essa experiência que desenvolveu com operários. Nela, os trabalhadores expressam sentimentos relativos à vida e ao trabalho através de desenhos e colagens (como sinto o meu corpo no trabalho, como me sinto ao chegar no trabalho, o que faço ao longo das 24h de um dia, qual o meu sonho de sociedade, etc). A partir dessas obras de arte, os operários refletem sobre suas condições de vida. Aqui no Brasil, essa metodologia foi usada com diversos grupos e para refletir sobre diferentes temas. Podemos, por exemplo, trabalhar com lembranças da infância, e a partir desses desenhos fazer uma discussão sobre as diferenças nas oportunidades entre as crianças das classes populares e os filhos da burguesia. A idéia básica é partir do cotidiano das pessoas, expresso através de imagens. Para então refletir sobre o que veio do grupo com o próprio

grupo, provocando-o a construir, desconstruir e reconstruir essas imagens, dando visibilidade à nossa maneira de interagir com a realidade¹¹.

Musicalização

Também podemos provocar reflexões a partir de exercícios de musicalização, onde as pessoas fazem exercícios que mobilizam o corpo e as emoções, através de sons e movimentos, usando técnicas de improvisação teatral e musical, que estimulam experiências corporais e a produção coletiva e criativa de movimentos e sons. Com essas oficinas acessamos formas de comunicação que envolvem o corpo, o toque, o olhar, a musicalidade. Na nossa sociedade, valorizamos muito a comunicação verbal e esquecemos que o corpo tem percepções para além daquilo que estamos pensando: cheiros, sons, toques, etc. As oficinas de musicalização nos ajudam a perceber essas outras formas de comunicação. O som está dentro e fora de nós. Através desses exercícios, podemos refletir sobre a construção coletiva, a criatividade e a importância de estarmos conectados/as com o nosso corpo e emoções para podermos observar e nos conectar com os/as outros/as¹².

Cantos e brincadeiras

Cantar e dançar músicas que reforçam a identidade do grupo, também é bom. Além de promover a integração, pode dar sentido para as perspectivas que o grupo está construindo e ajuda a fortalecer o sentimento de

¹¹ Veja roteiro de oficina de visualização no Caderno 1, página 30, do Programa de Formação de Agentes de Desenvolvimento: (http://camp.org.br/outras-publicaco-es/). Bem como o Caderno do Professor Trabalho e Tecnologia, páginas 32 a 47, do Programa Integrar.

¹² Veja roteiros de oficinas de musicalização escritos para os Cadernos do Programa de Formação de Agentes de Desenvolvimento: caderno 1, 2ª edição, p. 34; caderno 2, p. 56; caderno 3, p.46 e caderno 4, p. 50. (http://camp.org.br/outras-publicacoes/).

pertencimento a um projeto que é maior que o próprio grupo. As danças de roda e em especial a ciranda, que é uma dança circular, ajudam a reforçar os princípios da solidariedade.

Brincadeiras de infância ou outras brincadeiras também podem provocar boas reflexões. Trazem para o círculo o lado lúdico da vida e memórias da infância. Propiciam a reflexão sobre a construção coletiva e o cuidado com o outro. Elas também podem ajudar a criar um símbolo sobre o que o grupo está construindo. Noutros momentos, as brincadeiras podem ajudar na integração do grupo.

Intercâmbio de Experiências

Nas atividades de educação popular em economia solidária, é importante partir das experiências dos sujeitos que vivem o desafio da viabilidade do trabalho coletivo e autogestionário, valorizando as experiências de vida, as condições materiais e subjetivas, a história e o lugar de vivência das pessoas, grupos, redes e cadeias. O intercâmbio de experiências é muito importante, e pode ser feito através de visitas aos locais onde acontecem as experiências ou através de relatos programados, onde a pessoa pode trazer imagens, fotos e coisas produzidas pelo grupo ou rede no qual está inserida. É muito importante conhecermos as experiências uns dos outros para abrirmos horizontes, possibilidades de articulações e para criar um certo estranhamento em relação a nossa própria experiência.

Túnel e Linha do Tempo

Ao falarmos das nossas experiências, é importante também olharmos a perspectiva histórica de constituição e formatação da sociedade em que vivemos, intercalando nas nossas reflexões o passado, o presente e o futuro. Há duas formas legais de trabalhar fatos históricos: o "túnel do tempo" e a "linha do tempo". As duas dinâmicas podem ajudar a resga-

tar tanto processos vividos pelo grupo, como processos históricos mais amplos, como, por exemplo, a história da democracia no Brasil. São duas variações da mesma proposta.

A linha do tempo pode acontecer na própria sala. O/A educador/a pode preparar algumas tarjetas com alguns fatos sobre o tema que será tratado, dando uma para cada participante e pedindo que eles coloquem-nas em ordem cronológica, com a participação e opinião de todos/as. Ao colocar as tarjetas em ordem, o grupo é convidado a trazer suas lembranças sobre determinados momentos dessa história (começando pelos fatos mais antigos) e acrescentar tarjetas que lhes pareçam pertinentes à linha que está sendo construída. É uma experiência bonita especialmente quando o grupo reúne pessoas de diferentes gerações¹³.

O túnel do tempo é uma variação da linha do tempo, onde os/as educadores/as preparam previamente uma linha histórica, sobre o tema em questão, com painéis, imagens, objetos, cartazes ou mini vídeos, em diferentes ambientes (salas, corredor, pátio, etc) que vão ser percorridos pelos participantes num determinado momento do processo de formação. Após essa caminhada pelo túnel do tempo, os/as participantes conversam sobre as lembranças e sentimentos que essas informações provocaram neles, formulando reflexões sobre aquele processo histórico.

Carrocel Pedagógico

Outro jeito legal de estimular o debate é o "carrocel pedagógico", onde os/as participantes são organizados em pequenos grupos e alocados em diferentes salas/ambientes. Cada um destes grupos é provocado a debater sobre um tema diferente. Depois de um determinado tempo, o grupo

¹³ Em cada um dos Cadernos do Programa de Formação de Agentes de Desenvolvimento, montamos uma linha do tempo sobre o tema central do caderno, construídas a partir de pesquisa e de oficinas realizadas durante o curso: caderno 1, 2ª edição, p. 46 e 47; caderno 3, p. 26 a 27 e caderno 4, p. 12 e 13. (http://camp.org.br/outras-publicacoes/).

escreve uma síntese do seu debate em um papelógrafo e deslocava-se para outro local, ficando na sala apenas um participante que apresenta a síntese do grupo que saiu para o que está chegando. O grupo que ingressa na sala reinicia o debate a partir da síntese elaborada pelo grupo anterior. Os grupos vão rodando até que todos tenham passado por todos os temas. O carrocel encerra com uma grande plenária onde se compartilham os resultados das reflexões produzidas sobre cada temática.

Mapa Conceitual Coletivo

A construção de um mapa conceitual ou mapa de ideias sobre um determinado tema pode ser feita com o uso de tarjetas, que é um instrumento bastante utilizado para construções coletivas como, por exemplo, o planejamento estratégico ou elaboração de diagnóstico. Iniciava-se, por vezes, com uma reflexão individual, em duplas, ou pequenos grupos. Num segundo momento, ideias centrais são escritas em tarjetas para representar sinteticamente a compreensão sobre um determinado tema. A partir das ideias centrais das tarjetas, segue-se o diálogo reflexivo de aprofundamento a partir da pré-elaboração na qual todos/as os/as participantes têm oportunidade de contribuir.

Leitura

A leitura também faz parte do nosso processo de educação. Ler é um jeito de dialogar com o conhecimento de pessoas que sistematizaram determinadas experiências.

Oficinas Práticas

É importante também provocar espaços de oficinas práticas, onde as pessoas possam experimentar a criatividade e formas de produção. É

um jeito bom de aprender a fazer. Na educação em economia solidária, é importante também fazer oficinas de trocas e estimular a comercialização de produtos feitos nos empreendimentos dos participantes. Podemos estimular também que os próprios participantes organizem oficinas sobre o que produzem.

Gestão Compartilhada

Sempre que possível, é importante envolver os/as educandos/as no processo de gestão do próprio encontro, constituindo equipes de trabalho responsáveis pela organização e andamento do curso, de tal forma que todos os integrantes da atividade estejam envolvidos em alguma tarefa como, por exemplo, avaliação, animação, infra-estrutura, memória e coordenação. A gestão compartilhada do curso é uma forma de estimular a autogestão. Quando se constituem essas equipes, é importante prever na pauta do encontro tempo para que elas se reúnam para organizarem as suas tarefas. Quando o curso é de mais de um dia, a equipe de memória, por exemplo, pode apresentar a síntese do dia anterior no início da manhã, articulando-se com a pausa metodológica (ver abaixo); a equipe de animação pode organizar confraternizações e oficinas à noite. Enfim, há muitas possibilidades.

Pausa Metodológica

Quando estamos refletindo sobre a própria metodologia da educação popular, é bem legal fazer o que a gente chama de "pausa metodológica": ao final de cada dia de trabalho (ou no dia seguinte pela manhã) recapitular o que foi feito ao longo do dia, observando o encadeamento dos conteúdos, salientando as ferramentas, os processos educativos e as opções metodológicas que fizemos enquanto educadores/as, mostrando porquê usamos tal ou qual dinâmica de trabalho e abrindo espaço para

que o grupo comente, pergunte, acrescente alguma sugestão. Com isso, os/as participantes do curso se apropriam melhor da metodologia trabalhada para que possam utilizá-las em atividades que venham a organizar nas suas comunidades ou empreendimentos.

Diagnóstico, Planejamento e Registro

A construção de diagnóstico de diagnósticos participativos sobre o empreendimento, a comunidade ou o movimento também é muito importante. Quando o curso é de mais de uma etapa, podemos propor exercícios de levantamento de informações entre uma etapa e outra e trazer essas informações para o debate a cada etapa, aprofundando os temas trazidos pelo grupo e refletindo sobre como se faz um diagnóstico¹⁴. Dessa forma, foi valorizada a construção de conhecimento com base na reflexão-ação, relacionando teoria e prática. O enfoque durante os encontros foi especialmente para a forma de construção e diálogo nas comunidades.

O exercício do planejamento coletivo¹⁵ (definir objetivos, metas, ações, etc) é um instrumento importante para ajudar os empreendimentos, comunidades e movimentos a organizar suas estratégias. Também é importante para organizar uma atividade de formação, de um grupo, de um coletivo.

¹⁴ Veja roteiro para construção do Mapa da Comunidade que escrevemos para o Caderno 1, p. 38 a 42, do Programa de Formação de Agentes de Desenvolvimento. (http://camp.org.br/outras-publicacoes/).

¹⁵ O Caderno do Aluno, Gestão e Planejamento, do Programa Integrar traz bons textos sobre como planejar e monitorar a gestão de empreendimentos solidários. Veja, em especial, páginas 40, 93 e 103. Veja também roteiro "Planejando Ações Coletivas" no Caderno 4, p. 44 e 45, do Programa de Formação de Agentes de Desenvolvimento.

É muito importante também a gente garantir momentos de registros das nossas ações de formação. A ideia central da sistematização¹6 é garantir a memória das nossas experiências coletivas e que a produção daquilo que a gente constrói conjuntamente seja apropriada pelos próprios empreendimentos e não pela academia.

Sugestões de leituras/vídeos:

- FAZER Solidário Plataforma Virtual de Educação em Economia Solidária. *Curso Todas as Formas Solidárias de Fazer Economia*. http://www.fazersolidario.org.br/
- FORMAÇÃO de Agentes de Desenvolvimento. *Caderno 1. Colocando em Pauta o Debate do Desenvolvimento Local.* Porto Alegre, CAMP, 2009. 2ª edição. http://camp.org.br/outras-publicacoes/
- FORMAÇÃO de Agentes de Desenvolvimento. *Caderno 2. Desenvolvimento Local e um novo jeito de fazer economia.* Porto Alegre, CAMP, 2008.
- FORMAÇÃO de Agentes de Desenvolvimento. *Caderno 3. Orçamento e políticas públicas: intervindo na democratização do estado.* Porto Alegre, CAMP, 2008.
- FORMAÇÃO de Agentes de Desenvolvimento. *Caderno 4. O desenvolvimento local na perspectiva da transformação social.* Porto Alegre, CAMP, 2008.
- FUNDOS Solidários: passo a passo para a constituição de Fundos Comunitários. Porto Alegre, CAMP, 2017. http://camp.org.br/outras-publicacoes/
- PROGRAMA Integrar. *Caderno do Aluno: Gestão e Planejamento*. São Paulo, Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, 1999.
- PROGRAMA Integrar. *Caderno do Professor: Trabalho e Tecnologia*. São Paulo, Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, 1998.
- 16 Veja artigo sobre sistematização no Caderno 4, p. 46 e 47 do Programa de Formação de Agentes de Desenvolvimento.







